

# REFLEXÕES SOBRE A PRENDA GAÚCHA: MÁSCARAS DO/NO IMAGINÁRIO RIOGRANDENSE<sup>1</sup>

Luana Vargas Aquino<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho se dedica em explicitar algumas considerações sobre a construção das representações da mulher gaúcha dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), a partir dos pressupostos da teoria da Análise de Discurso. A escrita tem como objeto de análise a figura da “prenda”, uma representação construída e instituída historicamente e socialmente através do MTG. Ao propor essa análise, convocam-se tensionamentos acerca do imaginário simbólico e social e da noção de memória discursiva (ORLANDI, [1999]2015), propondo um gesto de interpretação sobre as representações que cerceiam esse imaginário ao elencar as possíveis contradições que irrompem ao movimentarmos sentidos da palavra e seus efeitos. A partir do corpus da pesquisa – constituído por dois capítulos do livro *Ser Peão, Ser Prenda* e pela reportagem *Primeira trans do Movimento Tradicionalista Gaúcho diz que quer ser aceita e respeitada*, foram selecionados cinco recortes discursivos, que compõem a seção de análise desse artigo. Enfim, nossa problematização maior está ancorada na questão teórica que considera o sujeito como descentrado e lacunar, que por meio da contradição pode causar fissuras nessa estrutura, muito embora pontuamos que esse tema não se esgota em si mesmo, sempre havendo brechas e lacunas que podem, por meio da Análise de Discurso, serem movimentadas a partir de um olhar outro.

**Palavras-chave:** Prenda; Tradicionalismo; Memória discursiva; Imaginário; Contradição.

## UM IMAGINÁRIO SOBRE A PRENDA GAÚCHA: MÁSCARAS DO IMAGINÁRIO RIOGRANDENSE/ AN IMAGINARY ABOUT PRENDA GAÚCHA: MASKS OF THE RIOGRANDENSE IMAGINARY

**Abstract:** This work is dedicated to explaining some considerations about the construction of representations of the gaucho woman within the Traditionalist Movement of Gaucho (TMG), from the assumptions of the theory of Discourse Analysis. The writing has as its object of analysis the figure of the “Prenda”, a representation constructed and instituted historically and socially through the TMG. When proposing this analysis, tensions about the symbolic and social imaginary and the notion of discursive memory are summoned (ORLANDI, [1999]2015), proposing a gesture of interpretation on the representations that surround this imaginary by listing the possible contradictions that erupt when we move the meanings of the word and its effects. From the corpus of the research - consisting of two chapters of the book “*Ser Peão, Ser Prenda*” and the report “*First trans of the Traditionalist Movement of Gaucho says she wants to be accepted and respected*”, five discursive clippings were selected, which make up the analysis section of this article. Summarily, our main problematization is anchored in the theoretical issue that considers the subject as off-center and incomplete, which through contradiction can cause fissures in this structure, although we point out that this theme is not exhausted in itself, there are always gaps and gaps that can, through Discourse Analysis, be moved from one look to another.

**Keywords:** Prenda; Traditionalism; Discursive memory; Imaginary; Contradiction.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista da Capes. E-mail: luanavargasaquino@gmail.com .

## Elaborações iniciais acerca de um percurso<sup>3</sup> possível

Este trabalho se dedica em explicitar algumas considerações sobre a construção das representações da mulher gaúcha, designada como “prenda”, dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), sob o viés da Análise de Discurso. A escrita tem como objeto de análise a figura da prenda, uma representação construída e instituída histórica e socialmente através do MTG. Ao propor essa análise, convocam-se tensionamentos acerca do imaginário simbólico e social e da noção de memória discursiva (ORLANDI, ([1999]2015), pensando em lançar um gesto de interpretação sobre as representações que cerceiam esse imaginário e elencar as possíveis contradições que irrompem ao movimentarmos o sentido da palavra e seus efeitos de sentido.

O corpus dessa pesquisa é constituído por dois relatos de mulheres que já fizeram ou fazem parte do tradicionalismo como prendas de faixa<sup>4</sup>, que compõem o livro *Ser Prenda, Ser Peão*<sup>5</sup>, e também da reportagem intitulada “*Primeira trans do Movimento Tradicionalista Gaúcho diz que quer ser aceita*”

<sup>3</sup> Dou início a esse movimento de análise na tentativa de revisitar lugares que em dado tempo constituíram-me enquanto sujeito de linguagem, como é comum se dizer nesses mesmos lugares, onde “virei gente”. Nessa escrita estão calcadas as marcas daquilo que vivenciei, e que por um longo tempo fizeram total e completo sentido. Fui, durante muitos anos, dançarina de internada artística em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) na cidade de Santiago, interior do Rio Grande do Sul. Vinculada a este CTG passei pelas transformações da adolescência e iniciei a vida adulta. Pude observar de perto – e fazer parte, daquilo que hoje me proponho a lançar um possível gesto de interpretação. É pelos estudos na Análise de Discurso que me lanço a problematizar questões que, por muito tempo, compunham minhas evidências.

<sup>4</sup> Prenda de faixa é aquela que representa sua Entidade Tradicionalista em um concurso a nível regional e estadual denominado Ciranda de Prendas, sendo este um concurso que contempla “conhecimentos de história, geografia e folclore, desenvolvimento artístico, capacidade de argumentação oral e mostra de habilidades.” (MAIJO, 2020, p. 9). A prenda de faixa utiliza uma faixa de couro, semelhante a aquelas utilizadas em concursos de beleza, com inscrições que condizem com sua posição e entidade (1ª, 2ª ou ainda 3ª prenda) e com sua classificação referente a idade (dente de leite, pré-mirim, mirim, juvenil e adulta).

<sup>5</sup> Livro publicado pela editora Pragmatha e comercializado pela loja da Fundação Cultural Gaúcha.

e *respeitada*”. Ainda, cabe ressaltar que a partir do corpus, foram feitos cinco recortes discursivos, e que a partir deles buscamos movimentar os sentidos da memória instituída pelo tradicionalismo e seus deslocamentos, que nos levam a tomar o discurso como “o lugar da memória, pensado como espaço de legitimação, espaço onde o imaginário se atualiza e se reorganiza, sendo a linguagem constitutiva de sentidos e de identidades.” (LUCAS, 2001 p. 175).

Nossa opção foi dividir o artigo em quatro seções: uma breve introdução, na qual apresentamos uma contextualização do que se entende por tradicionalismo e seus desdobramentos – como o MTG, os Centros de Tradições Gaúchas e demais entidades; também faz parte da primeira seção deste artigo como se deu a inserção da mulher nesses espaços e como foi surgindo e sendo instituído o ideal de prenda; já na parte teórica, buscou-se explicitar como se construiu um imaginário sobre a prenda gaúcha e como a memória opera para a fundação e manutenção deste imaginário, e, após isso, são apresentados os recortes discursivos selecionados para que as noções trabalhadas anteriormente possam funcionar analiticamente; finalmente, foram apresentadas as considerações acerca da pesquisa, trazendo reflexões sobre a prenda que se constrói a partir de uma visão de mundo que busca o apagamento de outras possibilidades de existência, e que mesmo que existam tentativas de resistir e transformar o Movimento Tradicionalista Gaúcho, este ainda está alicerçado em suas bases conservadoras e idealistas.

## A prenda e o tradicionalismo: uma narrativa construída por mitos e assentada pelo tempo

Para compreender como a figura da prenda surge e se constitui, somos conduzidos necessariamente a entender o funcionamento dos chamados Centros de Tradições Gaúchas (um

CTG é uma entidade que se organiza a partir dos construtos propostos pelo MTG com o intuito de cultivar e preservar a cultura gaúcha), visto que o MTG teve como ponto de partida a fundação do “35 Centro de Tradições Gaúchas”, em Porto Alegre, no ano de 1948. Dutra (2002), traz que nos discursos tradicionalistas, “o Centro de Tradições Gaúchas é o espaço criado para preservar os costumes gaúchos, no entanto o CTG não representa tal e qual a forma como os gaúchos viviam no passado.” (p. 6).

Embora seja tida como função de um CTG cultivar a cultura, e conseqüentemente, o passado do gaúcho, não é dessa forma que ocorre sua constituição, afinal, a partir dos estudos de Dutra (2002), entendemos que o que se faz fundante na estrutura do Movimento Tradicionalista Gaúcho é na verdade “fruto de uma seleção material e simbólica” (p. 6) de um passado múltiplo e complexo, na tentativa de “organizar a produção da memória sobre os gaúchos a partir de um conjunto de símbolos e mitos.” (DUTRA, 2002, p. 6).

Dutra (2002) vai propor a ideia de que os CTGs vêm para exercer a função de “vigilância comemorativa”, pois, de acordo com a autora, ao mesmo passo que ocupa o lugar de preservar uma determinada visão, também atua no apagamento de outras possibilidades de compreender as várias formas de identificar-se com a cultura gaúcha. Desse modo, essa função de vigilância incide diretamente em como se constroem as especificidades que determinam o que é ser uma prenda, e aquilo que fica por debaixo dos panos.

Para problematizar esta visão mais cristalizada no sul do Brasil, convocamos as considerações do historiador e jornalista Tau Golin (2011) acerca da fundação do tradicionalismo, porque, de acordo com o autor, os tradicionalistas tomaram para si o posto de “guardiões de um pretense Rio Grande tradicional” (p. 155). Isso incide diretamente na compreensão dos CTGs

e demais entidades tradicionalistas, nas palavras do historiador, como um lugar de controle e adestramento, onde são impostos determinados comportamentos e perpetuadas visões sobre o passado que dizem de uma tomada de posição do MTG enquanto organização promotora dos ideais do tradicionalismo.

Tomamos nesse momento, a contradição como constitutiva para a figura da prenda e do próprio tradicionalismo. Isto é, para criar a narrativa de um determinado conjunto de práticas e ideais que abarcam o que é ser tradicionalista, também outras perspectivas foram apagadas. O movimento contraditório se instaura na medida em que o tradicional é algo fabricado a partir do apagamento. Explicitamos então, que a contradição está presente em qualquer movimento de criação, e que “existe contradição interna em tudo, e isso determina seu movimento e desenvolvimento” (TSÉ-TUNG, [1937]2008, p. 86), muito embora saibamos que a ideologia trabalha para que se instaure um efeito de consenso, como se a contradição não comparecesse ali.

Assim, trouxemos para esta análise a figura mítica da prenda, como a mulher fabricada para o homem gaúcho, o qual Petri (2004) concede o caráter de fragmentado e heroico. A identidade de prenda está intrinsecamente ligada à forma com que se estabelecem os ideais do movimento tradicionalista no Rio Grande do Sul, pois, como iremos tratar mais adiante, esse foi o lugar destinado às mulheres dentro do movimento. Entendemos, nessa escrita, a identidade tal qual aborda Flores (2019, p. 74) quando se remete a essa como a “forma com que o sujeito do discurso se relaciona com a formação discursiva (FD) que o constitui”, de modo que esse processo “é o que teríamos como uma espécie de ‘resultado’ dos processos de identificação do sujeito com a FD dominante.” (FLORES, 2019, p. 74). Neste trabalho, formação discursiva é entendida a partir de Pêcheux ([1975]1988, p. 160) como

“aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.”

Para Appel (2015), a figura feminina é identificada diretamente a essa figura mítica, e, nesse sentido, recorreremos ao entendimento de Barthes (2001, p. 131) acerca dos mitos, onde o autor postula que pode

conceber-se que haja mitos muito antigos, mas não eternos; pois é a história que transforma ela em discurso, é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas. (BARTHES, 2001, p. 132).

Por assim dizer, é nessa relação entre a história e o discurso que surgem a prenda e o peão, figuras – porque não dizer máscaras, que abarcam uma determinada seleção de características do povo gaúcho de outrora. Destacamos ainda que esse gaúcho não é universal, mas sim uma espécie de “escolha” (determinada pela ideologia dominante) que é tomada como tal, despreendida de qualquer neutralidade ou origem natural dos tempos e das sociedades. Para que esse discurso se afinque na cultura, outras vozes, sombras e fatos são varridos para debaixo dos panos da história riograndense.

Petri (2004) aponta para o fato de que é possível que um mito continue produzindo efeitos de sentidos na atualidade, como “manutenção do funcionamento de uma essência simbólica que lhe é própria” (p. 72). Isso vai compreender toda uma rede de sustentação da imagem do que tomamos enquanto prenda e gaúcho, pois, partindo da ideia de que homem e mulher não são correspondentes à figura gaúcho e da prenda, tomamos essa roupagem como um modelo, que habita no imaginário social de um povo e que retorna, ressoa, sussurra, através do discurso.

Nesse enredamento, pôde-se perceber que para analisarmos a prenda, não podemos deixar de olhar para o imaginário que também se constrói sobre o gaúcho, porque este incide diretamente nas condições de produção que se colocam diante do contexto que se projetou para que estas representações passassem a ser incorporadas na cultura gaúcha. Condições de produção essas entendidas como o conjunto de fatores que englobam o contexto ideológico e sócio-histórico de uma sociedade, que não os cria diretamente, dado que as condições de produção antecedem o sujeito, elas funcionam e produzem sentidos, e em nossa inscrição no mundo, somos atravessados e constituídos pelas condições de produção que nos são apresentadas através da linguagem. Segundo Orlandi ([1999]2015), é a memória que aciona as condições de produção, fazendo dessas duas noções uma amarração inseparável para pensar como que se constrói o imaginário sobre a prenda.

Acerca da noção de imaginário, priorizamos aquela desenvolvida por Petri (2004) em sua tese de doutoramento, onde a autora afirma que é

[...] o imaginário que cria e institui a sociedade, mas ele não tem como referente o vazio de significações, ele tem que buscar algo pré-existente, que seja reconhecível, para existir. Assim, o imaginário possui a propriedade que possibilita a criação do novo, mas ele tem como ponto de partida o velho, o já-instituído, é isso que lhe dá o diferencial e que lhe garante a existência. (PETRI, 2004, p. 118).

Nesse sentido, a prenda enquanto uma figura mítica surge através da narrativa instituída pelo MTG e que se instaura no imaginário social do povo gaúcho. Assim, temos um ideal do que é ser uma prenda, quais os atributos necessários, qual aparência uma prenda deve ter e como ela deve ou não se portar diante de sua relação com o social, produzindo efeitos de sentido que reatualizam e reorganizam esse imaginário.

A propósito do tradicionalismo, Dutra (2002) traz que o

Movimento Tradicionalista Gaúcho que se formou a partir da invenção dos Centros de Tradições Gaúchas, assumiu um discurso que mantém esse imaginário da existência de características “naturais” ao sexo feminino, como recato, delicadeza e submissão (presentes na prenda) em oposição às características masculinas (associadas à força e à liberdade) representadas na figura do gaúcho. (p. 53).

Conforme o MTG julgou ser necessário a inserção das mulheres no tradicionalismo, lhes foi designado ocuparem esse papel que se era esperado da mulher gaúcha conforme a moral tradicionalista. Todas as características físicas, comportamentais e de conduta que se esperam de uma prenda, advém de um processo de sujeição das mulheres à estrutura que é fundante ao MTG. A dicotomia dos papéis sexuais – feminino e masculino, faz parte de um conjunto de normas internalizadas pelas prendas, que “agem em resposta a uma estrutura que delimita o seu espaço” (DUTRA, 2002, p. 52).

Segundo Milder (2013), a prenda ocupa o lugar de integrante do patrimônio cultural regional, através da atuação do MTG. Podemos compreender que enquanto uma representação de patrimônio, ser prenda remete a uma forma de identificação coletiva perante o social, buscando de forma simbólica no passado uma figura que possa reverenciá-lo (MILDER, 2013). A prenda passa então, a ser significada enquanto uma personagem, um conjunto de atributos e características que almejam a mulher gaúcha ideal. Dutra (2002) coloca que é no/pelo tradicionalismo e sua imposição cultural hegemônica que outras visões foram silenciadas historicamente, não obstante, outras formas de significar a mulher gaúcha foram sendo varridas para o fundo do baú de guardados da história e cultura do Movimento Tradicionalista Gaúcho, como a mulher indígena, a mulher escravizada, a mulher imigrante e aquelas que assumiram as tarefas e cuidados antes delegados

aos homens quando estes partiam para a guerra. Tantas outras possíveis representações da mulher gaúcha, que por não corresponderem aos ideais postulados pelo MTG passaram a existir nas margens da cultura riograndense.

Por assim dizer, a figura da prenda passa a atuar no recobrimento dessa mulher, múltipla, que habita o território gaúcho. Pintada como uma figura feminina, delicada e maternal, não se explora, a priori, essas outras roupagens que também cabem a mulher gaúcha historicamente. A versão que o MTG explora é uma entre tantas outras possíveis, outras estas “varridas” para debaixo dos panos da história.

### **Imaginário, memória e contradição: discursivizando a prenda**

Os primeiros passos dos procedimentos metodológicos desta análise consistiram na seleção do corpus a partir do arquivo, o livro *Ser Prenda, Ser Peão* e reportagens encontradas a partir da ferramenta de pesquisa do Google, com as palavras-chave “prenda”, “tradicionalismo” e “CTG”. Dado ao caráter limitado da escrita de um artigo, foi delimitado o corpus, constituído de duas materialidades: dois relatos que fazem parte do livro mencionado anteriormente – “Ser prenda é a representatividade do que a mulher gaúcha foi, do que ela é e do que pretende ser” e “Ser prenda é uma filosofia de vida”; e a reportagem da Folha de São Paulo, intitulada “Primeira trans do Movimento Tradicionalista Gaúcho diz que quer ser aceita e respeitada”. Após a seleção do Corpus, foram feitos recortes de acordo com o que se adequava melhor ao objetivo da pesquisa, resultando em cinco recortes discursivos (RD).

Nos debruçamos naquilo que diz Pêcheux ([1981]2016, p. 25) sobre a possibilidade de movimentar os recortes discursivos como um dispositivo particular, que consiste em “recortar,

extrair, deslocar, reaproximar: é nessas operações que se constitui esse dispositivo muito particular de leitura que se poderia designar como leitura-trituração”. Ainda, salientamos que esses recortes dizem de uma tomada de posição de nosso percurso de investigação e de nossa posição enquanto analistas de discurso, pois é na relação do analista com o arquivo e do arquivo com ele mesmo que a memória exerce seu funcionamento

As noções de memória discursiva, imaginário e contradição se tornam caras a esta escrita, porque acabam sendo o motor do movimento de análise, que consistiu em explicitar como o imaginário acerca da posição-sujeito prenda é constituído e como a memória discursiva atua nesse processo. Já a contradição vem como uma provocação, no sentido de refletir se existe um sentido outro para ser atribuído a prenda gaúcha e se existe espaço para a contradição habitar nele. Ainda, durante o processo de escritura, outras noções próprias a Análise de Discurso foram necessárias para dar conta de explicitar determinadas questões, tais como o lugar dos CTGs e do MTG nesse processo. Conforme Orlandi ([1999]2015), entendemos a memória como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sobre a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (p. 29). A memória discursiva, denominada também como interdiscurso, atua como o conjunto de todas as formulações já feitas e esquecidas, e para que o dizer do sujeito tenha sentido é preciso que elas já façam sentido, e que pela história e pela memória, caiam no anonimato e se tornem as palavras “dele” (ORLANDI, [1999]2015). Dessa forma compreendemos que o interdiscurso vai operar enquanto um fio condutor da manutenção, reprodução e resgate de determinados costumes, tradições e culturas, como é o caso do tradicionalismo riograndense.

Os Centros de Tradições Gaúchas sediam as práticas sociais neles inscritas, por tudo

isso operam enquanto espaço de inscrição dos sujeitos ditos gaúchos ou que “simpatizam” com as tradições ali vivenciadas. O sujeito, enquanto categoria de análise, é representado numa tomada de posição e, nesse sentido, a mobilizamos a partir de Flores (2019, p. 58), quando nos fala “de um lugar, de uma posição assumida no discurso, pelo reconhecimento com uma determinada formação discursiva”. Entendemos que os sujeitos não são tidos como completos e sempre deixam os rastros de sua constituição lacunar, que ali estão inseridos, atuando através de formações discursivas, que conforme os estudos de Pêcheux ([1975]1988) podem ser compreendidas como espaços de materialização daquilo que reside no mundo das ideias, ou seja, das formações ideológicas, e estas, por fim, se dão a partir de relações de forças.

As formações ideológicas são compreendidas, neste trabalho, como a parte abstrata das formações discursivas, consistindo no entendimento de que as palavras não possuem um sentido estrito ou pré-existente, mas que estes são determinados conforme as posições ideológicas que os sustentam. Pêcheux explicita que “[...] *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...]” (PÊCHEUX, [1975]1988, p. 160, grifos do autor). Dessa forma, as formações discursivas estão ligadas a ideologia, onde ambas se constituem e determinam os sentidos que vão sendo lançados e movimentados no discurso. Para o autor, a “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva (FD) que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, [1975]1988, p. 163), nesse sentido, o sujeito pode não ter consciência plena daquilo que o torna assujeitado.

Já as formações imaginárias são responsáveis por regular as relações entre os sujeitos, sustentando as projeções que determinam os lugares que cada um ocupa. Segundo Pêcheux ([1969]2010, p. 82), é assim que os sujeitos designam os lugares atribuídos “cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”. É pela atuação das formações imaginárias que o sujeito constrói seu entendimento do que significa, por exemplo, ser prenda ou peão, e quais posições essas máscaras representam na cultura gaúcha. A prenda calar diante do peão, crer que é dotada de um “instinto maternal” e que tem vocação para os cuidados de uma casa, diz de como esse sujeito vê e significa a si e ao outro diante das condições de produção.

Os processos que incidem na posição assumida no discurso – que chamaremos de posição-sujeito prenda, são marcas que acompanham quem cresceu dentro de um CTG, visto que “todo corpo está investido de sentidos enquanto corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são cruciais” (ORLANDI, 2017, p. 34). Para Indursky (2019, p. 118) “os sujeitos podem identificar-se (inscrever-se em uma posição sujeito) plenamente e contraidentificar-se (desinscrever-se da referida posição-sujeito, sem romper com a formação discursiva”. Nessa pesquisa, nos são caras as duas noções, que serão melhor trabalhadas no momento de análise dos recortes discursivos.

Na tensa relação entre o corpo do sujeito com o corpo social, é sabido que o espaço que se inscreve nesse corpo faz ressoar aquilo que faz marcas ao longo do tempo, dando as posições sujeito e sentidos um lugar de não-transparência diante do real. Concebemos que “a contradição está presente no processo de desenvolvimento de todas as coisas; ela permeia esse processo do princípio ao fim.” (TSÉ-TUNG, [1937]2008, p. 94). Não seria diferente ao pensarmos sobre o ser prenda e

o tradicionalismo, que é arraigado em contradições que lhes são constitutivas. O movimento de contrários (TSÉ-TUNG, [1937]2008) estabelece uma tensa relação entre o novo e o velho, a ruptura e a perpetuação, onde ambos processos coexistem provocando tensionamentos no interior de uma determinada estrutura. Como é salientado por Tsé-Tung ([1937]2008), precisamos compreender as contradições para que possamos analisar o objeto como um todo.

Em relação ao nosso objeto de análise, entendemos que a criação do movimento tradicionalista a partir do apagamento de determinadas culturas é a contradição fundante dessa estrutura, entretanto, não é a única. Podemos perceber que enquanto o gaúcho representa um homem livre, a prenda representa algo que está preso, sempre a espera de algo ou alguém (DUTRA, 2002); dois contrários que coexistem e constituem um ao outro, de modo que essa contradição também é tensionada pelos efeitos de sentido que vão sendo engendrados a partir das discursividades que circundam o que significa ser prenda e peão.

Orlandi (2017) traz o conceito de narratividade, que nesta pesquisa se inscreve enquanto conceito fundamental para entender o que propomos enquanto noção de memória. Dessa forma, a narratividade opera como o funcionamento da memória, uma memória discursiva, uma “voz sem nome” (COURTINE, 1999, p. 19), que “fala por conta própria no sujeito que ela constitui” (ORLANDI, 2017, p. 30). Ao inserirmo-nos no campo da discursividade, consideramos a ideia de narratividade um deslocamento constitutivo dos sentidos e dos sujeitos. O esquecimento ideológico, como traz a autora, é da instância do inconsciente, em que retomamos sentidos pré-existentes, e resulta do modo como somos afetados pela ideologia, portanto, Orlandi ([1999]2015), esclarece que o discurso não é nosso, ele sempre existiu, apenas estamos mobilizando significados.

Segundo Orlandi ([1999]2015), essa mobilização parte do entendimento de dois conceitos-chaves para o funcionamento da linguagem: os processos parafrásticos que são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, e os processos polissêmicos em que há um deslocamento, uma ruptura nos processos de significação. Assim, há um jogo entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), entre o já-dito e o a se dizer, em que os sujeitos e sentidos sempre podem ser outros, mas nem sempre são, pois dependem como são afetados pela língua e como se inscrevem na história. A autora explicita que esses sentidos resultam de relações de força, de sentido e antecipação – mecanismos por onde atuam as formações imaginárias, Orlandi ([1999]2015) argumenta então que o discurso não é fechado, pode ser visto de modo amplo, contínuo, porque há uma relação com o imaginário.

Para entendermos esses não-ditos, a autora apresenta o conceito de interdiscurso que denomina de memória discursiva, a qual torna possível todo o dizer a partir do já-dito, do pré-construído. Ela faz essa breve introdução para explicitar que a memória é tratada como interdiscurso e determina como o sujeito significa no discurso. Orlandi ([1999]2015), argumenta que o saber discursivo se constrói ao longo da história e é recuperado por uma memória através do dizer, logo as palavras não são só nossas, elas significam pela história e pela língua. Para Orlandi ([1999]2015), no interdiscurso o esquecimento é estruturante, pois é preciso acontecer um apagamento na memória de um sujeito específico para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em nossas palavras.

Essas noções nos fazem entender que os sentidos não existem sozinhos, dependem de uma dada posição no discurso, logo as palavras mudam conforme o lugar do dizer. Para isso, Orlandi ([1999]2015) explicita que o discurso e as

relações que dele advém funcionam a partir de uma determinada formação discursiva que se relaciona com a ideologia, produzindo sentidos que se engendram na e pela discursividade. É a partir do sujeito que o discurso funciona, e assim este vem a se inscrever prioritariamente em uma FD. Para a autora, é possível dizer que a ideologia representa a produção de evidências a partir do já dito e a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, dado que não há sujeito sem ideologia.

Orlandi ([1999]2015) argumenta, também, que o ideológico é um trabalho de esquecimento, pois é quando uma memória se estabiliza que os sentidos dessa memória produzem seus efeitos, constituindo um sujeito dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia. Assim, é importante pontuar que são os esquecimentos que abrem caminho para que o sujeito circule em um “espaço imaginário que assegura ao sujeito falante seus deslocamentos no interior do reformulável”. (PÊCHEUX; FUCHS, [1975]2014, p. 178).

Em nosso movimento de análise, recorreremos às formas de identificação do sujeito com uma FD, para pensar a partir dos recortes discursivos como o imaginário sobre a prenda produz sentidos; partindo da ideia de que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (FLORES, 2019, p. 57). Em tese, a partir das modalidades de identificação propostas por Pêcheux ([1975]1988), o sujeito pode apresentar três formas de relacionar-se com uma determinada FD, sendo elas a identificação, a contra-identificação e a desidentificação.

A primeira modalidade refere-se a uma identificação plena entre o indivíduo que se reconhece como sujeito no interior de uma formação discursiva, onde os saberes circunscritos dessa FD interpelam o sujeito que se encontra plenamente reconhecido, reiterando os “efeitos de sentido evidentes e já instituídos, a manutenção do ‘velho’”

(PETRI, 2004, 59). Já na contra-identificação, ocorre um processo em que não há uma captura plena, se inscrevendo como uma revolta do sujeito-enunciador contra o sujeito universal, “através da dúvida, do questionamento, da contestação e da revolta, lutando contra as evidências não-questionáveis que lhes são apresentadas pelo sujeito do saber de uma FD.” (ZANDWAIS, 2003, s/p). Na desidentificação, recorremos aos estudos de Petri (2004) para explicitar que ocorre

[...] uma tomada de posição que faça dele um sujeito que se desidentifica totalmente com a forma-sujeito da FD dominante produz, no discurso, uma ruptura na produção dos sentidos tão significativa que chega a extrapolar as fronteiras da FD dominante, fundando novos sentidos já nos limites de outra FD que até então era secundária e que agora cedia um acontecimento discursivo. Esse “novo” seja ele produzido no interior da FD dominante, seja ele produzido enquanto acontecimento discursivo, é um efeito que só se apreende momentaneamente, porque imediatamente depois do seu surgimento ele passa a configurar a instância do já instituído, do que já foi uma ruptura, mas que em sua existência constitui-se como mais um “anel”, um elo, um componente da cadeia discursiva da qual faz parte. (PETRI, 2004, p. 59)

Portanto, compreendemos que a desidentificação caracteriza um processo de rompimento com determinados sentidos já arraigados no interior de uma FD, produzindo dessa forma uma outra possibilidade de relacionar-se com determinada formação discursiva, sendo pelo movimento do sujeito entre essa e outra formação discursiva ou ainda pelas bordas da FD, até então dominante, que ainda agarram o sujeito em sua constituição.

Em sua tese de doutoramento, Petri (2004) discorre sobre as tomadas de posição do sujeito e a produção de sentidos que delas advém, e em dado momento, a autora traz que o sujeito, enquanto cidadão que tem deveres e direitos, também é um efeito das relações imaginárias que instauram uma determinada normalidade da vida em sociedade. De acordo com ela, essa responsabilização.

[...] não faz do sujeito um ser dotado de vontades e intenções, livre do assujeitamento ideológico e totalmente consciente de seus atos e suas palavras; ocorre exatamente o contrário, pois o funcionamento dessas relações imaginárias legitima ainda mais a tese do necessário assujeitamento ideológico para a constituição e instituição do sujeito e do sentido no discurso. (PETRI, 2004, p. 53).

Entendemos que acontece um processo semelhante com a Formação Discursiva Tradicionalista, compreendida neste trabalho como a rede que sustenta e articula a produção, reprodução e a circulação dos saberes propagados pelo MTG. Assim, é na FD Tradicionalista que o sujeito, ao identificar-se, se apropriaria dos valores comuns aos “legítimos” homem e mulher gaúchos, constituindo, a partir deles, uma forma de relacionar-se com o social. Portanto, o assujeitamento ideológico o constitui a partir de determinados sentidos, e não outros. Essa ilusão, advinda das relações da ordem do imaginário, vai determinar como o sujeito se identifica com a FD dominante, enquanto o sujeito manifesta discursivamente sua forma de inscrição em relação a essa FD. No entanto, devemos atentar para as relações entre discurso e ideologia, porque ali instala-se o furo, o que legitima a condição lacunar e descentrada do sujeito, reafirmando “a caracterização material do discurso e do sentido, tendo em vista que a unidade do sujeito é da ordem do imaginário.” (PETRI, 2004, p. 53).

Petri (2004) desloca a noção de acontecimento enunciativo para pensar o campo das representações, e nessa escrita, nos parece cara essa noção para pensar justamente nos estranhamentos produzidos a partir da contra-identificação do sujeito no interior de uma FD, fundando uma nova posição-sujeito. Desse modo, explicitamos que existe uma tensão fronteira entre o sujeito e a FD em que ele se inscreveu (FD Tradicionalista), transformando o modo como o sujeito se identifica com essa formação discursiva e seus saberes, sem, no entanto, romper com ela.

Os recortes que serão apresentados a seguir foram selecionados a partir de um processo de leitura do arquivo e, dentre outros, foram aqueles que mais se adequaram as nossas proposições analíticas. Nossos critérios de seleção partiram da ideia de que pelos recortes seriam explicitadas as considerações teóricas feitas anteriormente, e seriam eles que poriam as noções trabalhadas em funcionamento. Buscamos então, no corpus, relatos que trouxessem a experiência e/ou consideração das prendas sobre o que é ser prenda e sobre o movimento tradicionalista. Encontram-se, a seguir, os cinco recortes discursivos selecionados, acompanhados por nosso gesto de interpretação:

RD 1: “Ser prenda é a representatividade do que a mulher gaúcha foi, do que ela é e do que pretende ser. Um exercício diário de motivação, compreensão e conhecimento do papel da mulher na sociedade e da prenda no meio tradicionalista. Além disso, também é um desafio fazer dessas duas representatividades uma só.”<sup>6</sup>

Em um primeiro momento, percebe-se que a posição-sujeito prenda aparece como aquilo que representa uma totalidade ao conjunto que constitui a mulher gaúcha, no presente, passado e futuro – explicitando a condição de identificação plena com a FD Tradicionalista. No entanto, essa colagem logo se contradiz, pois, conforme percebemos no RD1, quando se fala em conhecer o papel da prenda e da mulher, se apresentam duas posições-sujeito distintas, separadas. Ainda, há tentativa de apresentar uma imagem só, onde uma posição recubra a outra e encarne uma “representação”. Nesse sentido, é trazido à tona o conflito que se estabelece entre *mulher* e *prenda*, dado que uma posição não corresponde a outra, ainda que haja indicativos de que, no recorte, exista essa possibilidade. Podemos atribuir isso ao fato de que as mulheres inseridas no meio tradicionalista não abandonam os outros espaços de suas vidas, e

nem os deixam para atrás ao inscreverem-se nessa FD e serem interpeladas pelo conjunto de saberes e representações que cerceiam o imaginário sobre a prenda. Assim como também carregam essa roupa para fora dos CTGs, onde a prenda continua a aparecer em outros cenários que não aquelas a que está reservada a priori, como uma parte em suspenso da cultura. Ou seja, a posição-sujeito prenda ressoa em outras FDs.

Ainda há de se considerar que, ao entendermos o sujeito como uma posição lacunar, ou seja, sempre em movimento e disperso, que se desloca na e pela linguagem, estamos explicitando a contradição que opera na constituição dessa posição. Se para o MTG a prenda é a autêntica mulher gaúcha – que conforme pontuamos durante nossa escrita, é dotada de determinados atributos, conferindo-lhe o caráter de ingênua, delicada e maternal, vemos essa imagem se dissipar e tornar-se mais turva fora dos galpões. Entretanto, como pontua-se mais acima, há a hipótese de que a mulher gaúcha, ao investir na personagem prenda, tenta tomar a posição como uma máscara. Daí vêm a ideia de recobrimento, recobrir-se com uma outra roupa de si, investir-se de uma máscara forjada advinda de um papel socialmente construído com elementos ficcionais, a partir daquilo que se apreende ao se identificar em uma determinada formação discursiva.

Não há como dar conta de uma totalidade que compreenda o que é ser mulher na sociedade contemporânea, fazendo emergir a posição de contradição que se coloca em meio a uma plena identificação com a FD Tradicionalista, dado que ela surge pelas frestas que de início aparentam estar preenchidas por uma total colagem com a posição-sujeito prenda. Nesse caso, pensamos que a palavra *desafio* é utilizada para demarcar essa contradição, que opera no sentido de recobrimento do *ser mulher* a partir do *ser prenda*.

6 (De Galpão)

Recordemos que, ao descrevermos a posição de identificação plena, é mencionado um processo de “manutenção do velho” (PETRI, 2004, 59), que vem de encontro a ideia de recobrir uma representação em detrimento de outra mais restrita. Ou seja, mesmo reafirmando o que foi instituído anteriormente pelo MTG (que a prenda seria a representação da mulher gaúcha autêntica), explicitamos que o que há é a tentativa de perpetuar essa mesma visão em uma disputa de narrativas, e não que necessariamente seja de fato essa a realidade.

No recorte discursivo número 2, surge uma ideia de totalidade que abarca prenda e peão, conforme vemos a seguir:

RD 2: “Ser prenda e ser peão é um processo constante de aprender, experimentar, conhecer, sacrificar, militar e acreditar. O mais importante no ser prenda e ser peão é amar a cultura que representa e abraçar nossa ideologia. Pois, acima de tudo, somos a representatividade do todo.”<sup>7</sup>

Nesse recorte, propomos que há novamente uma representação de identificação plena com a FD Tradicionalista, que pode ser reconhecida a partir de vestígios presentes ao longo do recorte, como por exemplo, o verbo *acreditar*. Quem acredita está na posição de crente, que crê e não questiona aquilo que é posto. Essa ideia vai de encontro com a possibilidade de alienação diante da FD, que interpela o sujeito a partir do enredamento de formações ideológicas. Nesse caso, o sujeito que acredita ser completo e pleno, crê em sua completude e incorpora a posição-sujeito. Não há espaço para a mulher, somente para a prenda, que engolfa, toma para si um corpo múltiplo, onde agora só as máscaras têm voz. Ser prenda e ser peão são dados como um processo de sacrifícios, e, nesse sentido, falamos de um sacrifício do próprio sujeito, que ao tomar esse modelo para si, ignora que no discurso a totalidade é uma ilusão.

7 (De Galpão)

No mesmo caminho, explicitamos que o trecho “*somos a representatividade do todo*” indica novamente a ideia de completude, em que o sujeito está tão imerso na FD que não há a possibilidade de transitar em meio a diferença, e assim, passa a considerar duas coisas: que existe um todo a ser representado e que é a partir daquilo que nele está cristalizado que esse todo se constitui. Ao sugerir que um determinado grupo a representa o todo, nega-se que exista um outro, e conseqüentemente, outras formas de significar diante do mundo. Todo esse que é preenchido pela dualidade homem e mulher na forma de prenda e peão. Atribuímos esse fato as relações da ordem do imaginário (PETRI, 2004), que regulam as formas de identificação e assujeitamento em relação à formação discursiva, afinal, é também pela via do imaginário e da possibilidade de criação que o sujeito pode romper com aquilo que o assujeita, questionando os sentidos que eram anteriormente intrínsecos a sua existência dentro da FD. Entretanto, não é o que percebemos ao trazer esse recorte para nossas análises, pois, conforme desenvolvido anteriormente, existe uma colagem (ilusória) quase simbiótica entre homem/peão e prenda/mulher, além disso, essa dualidade ligada ao gênero se mostra fechada, dotada de uma tentativa de completude onde apenas dois podem existir no meio tradicionalista, o que iremos discutir com maior profundidade adiante, no RD 5.

A seguir, apresentamos o recorte discursivo número 3:

RD 3: “Mesmo nos momentos em que não estive representando entidade, região ou o Estado, na condição de prenda “de faixa”, nunca deixei de ser prenda, afinal, para mim, isto é uma filosofia de vida, que vai muito além de uma simples representatividade. [...] A realidade é maior que isso, porque, ao contrário de cargos, ser prenda não é algo passageiro e, sim, eterno.”<sup>8</sup>

Podemos observar que os saberes próprios à FD Tradicionalista aparecem como dominantes em detrimento de outros, isso porque através da

8 (De Galpão)

escolha das palavras e dos sentidos a elas atribuídos explicita-se uma determinada tomada de posição. Ser prenda, aqui, é um movimento de retorno a um passado fabricado ao mesmo tempo em que se faz previsão a um futuro. Como é dito, não se trata apenas de representar algo, mas sim da plena incorporação desse conjunto de ideias, comportamentos e atributos. A oposição feita entre *passageiro* e *eterno* demarca que a temporalidade também ocupa um papel importante para a fabricação desse passado, porque ao determinar como eterno o ser prenda, essa posição tende a se cristalizar, assim como percebemos no RD 2.

Explicitamos que a sensação de eternidade advém da ilusão do sujeito que acredita ser completo, uma unidade sem faltas e falhas. Referenciamos isso ao que propõe Pêcheux ([1975]1988), quando este desenvolve uma teoria não-subjetiva da subjetividade, isto é, a ilusão irá atuar justamente a partir do tecido de evidências que rodeia o sujeito, onde ele passa a acreditar nessas evidências, que indicam que seu dizer é apenas seu, não se dando por conta que é assujeitado ideologicamente. Nesse recorte ainda podemos observar que há a representação de uma identificação plena com a FD em que o sujeito está inscrito, havendo uma reflexão do sujeito universal – o bom sujeito, aquele que diante da formação discursiva que se apresenta, faz desse conjunto de saberes um espelho para si, adotando a máscara de um modelo como se fosse completamente sua. Por esse motivo que o “ser” prenda, nesse recorte, extrapola uma faixa, ele é a própria subjetividade engolfada em um personagem.

Apresentamos, agora, o RD 4:

RD 4: “É maravilhoso poder participar de um movimento onde os valores primordiais do ser humano ainda estão preservados e sendo praticados.”<sup>9</sup>

Aqui, nos atentemos ao uso da expressão *valores primordiais do ser humano*, indicando que tais valores existem e são preservados dentro da FD Tradicionalista. Partindo da ideia de que o MTG se institui como uma entidade reguladora do tradicionalismo, explicitamos que é através da memória discursiva que se torna possível observar o funcionamento da instituição e a perpetuação de determinados valores. A memória discursiva nos elucida que as práticas incorporadas pelo sujeito não são suas, mas dizem de outros lugares já instituídos. Em outras palavras, é a partir do interdiscurso que se encontram os ecos daquilo que já foi dito, ressoando nas práticas do sujeito (INDURSKY, 2019).

Afinal, o que seriam esses “valores primordiais” tomados como sendo de todos os seres humanos? Tratando-se do MTG, existe um documento intitulado “Carta de Princípios”, em vigor desde sua aprovação, no VIII Congresso Tradicionalista, em 1961, onde estão reunidos os objetivos do movimento, e conseqüentemente, sua visão de mundo. No terceiro princípio, consta que é objetivo do MTG “promover [...] uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.” (MTG, 1961, s/p); no quarto princípio, é posto que o movimento objetiva combater “o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta” (MTG, 1961, s/p); a seguir, no quinto princípio, aparece como um objetivo “criar barreiras aos fatores e idéias que nos vem pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.” (MTG, 1961, s/p); e, por fim, no sétimo princípio, consta que é um objetivo do Movimento Tradicionalista Gaúcho “criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio [...]” (MTG, 1961, s/p).

<sup>9</sup> (De Galpão)

A partir desses pequenos fragmentos, explicitamos que na FD Tradicionalista, há a tentativa de tornar um conjunto de sujeitos uma unidade, que exista em plena harmonia com os ideais postulados pelo MTG. Ao objetivar essa unidade, envolta por uma determinada visão de mundo, o conjunto de saberes chamado de “valores primordiais” estão sustentando os alicerces dessa FD, silenciando e apagando o diferente, que destoa desse caldo homogêneo onde prenda e peão são forjados. Os valores morais do gaúcho, como consta na Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista, advém dessa seleção de cultura, que abomina aquilo que se apresenta como distinção. É possível ver que o que é diferente é tratado como uma ameaça, que barreiras precisam ser criadas. Tudo aquilo que seja antagônico aos costumes naturais do “verdadeiro povo gaúcho” é dado como oposição. Cabe problematizar também o emprego da palavra “natural”, como se um costume ou a constituição de uma cultura fosse orgânico, remetendo aos “valores primordiais” que ainda são praticados. Há essa colagem de um passado específico como o único que perdura, se apresentando como uma evidência ao sujeito que adota esses valores e costumes.

Ainda, é preciso postular que os valores morais do gaúcho e os valores primordiais do ser humano, à luz do MTG, estão incrustados nos preconceitos constitutivos dessa entidade, que foi criada e instituída no Rio Grande do Sul como forma de perpetuar um costume e não outro, uma representação do homem e da mulher gaúchos e não outra. Se um valor primordial é uma ideia ou ideal que atua diretamente na constituição do sujeito, na FD Tradicionalista o que se apresenta é um forte atravessamento ideológico conservador.

Por fim, introduzimos o recorte discursivo número 5:

RD 5: “Não é por causa da transexualidade que vou deixar de ser tradicionalista, deixar de admirar uma cultura que sempre fiz questão de difundir. Estou exercendo meu direito ao pertencimento, direito de ocupar espaços até então considerados impossíveis.”<sup>10</sup>

Explicitamos que no RD 5, a contradição que se produz com a inserção de uma posição-sujeito outra, na qual a prenda já não está mais ligada a dicotomia de gêneros fundante a FD Tradicionalista. Isso produz um outro modo de produzir os sentidos dessa formação discursiva, não através da ruptura, mas sim pelo viés “da tensão e do estranhamento” (INDURSKY, 2008, p. 15). Essa análise acontece pelo fato de que, embora haja uma cisão em relação aos valores tidos como primordiais ao tradicionalismo, ainda há o desejo de pertencimento. Ao ocupar o espaço, o sujeito estrangeiro demarca sua existência, afirmando que pode ser muitos.

Indursky (2008), nos auxilia na compreensão de que essa nova posição-sujeito institui mais do que a diferença, pois, ao conviver com as demais, ela produz tensões diretamente no interior da formação discursiva em que está inscrita, concordamos então com a autora quando esta explicita que isso dá lugar a uma “subjetividade contraditória”, retornando ao movimento entre paráfrase e polissemia. É a partir desse funcionamento que “apontamos para outras possibilidades de constituição do sujeito, aquele inscrito numa FD heterogênea que comporta a um só tempo o mesmo e o diferente, que se configura como lugar da não-completude.” (PETRI, 2004, p. 54).

Lançamos mão da forma que Petri (2004) utiliza a noção de acontecimento enunciativo para pensarmos que a contradição que acaba por fundar uma nova posição-sujeito advém justamente desse movimento de contrários (TSÉ-TUNG [1937]2008). As tensões que se instauram dentro

10 (Folha de São Paulo)

da FD transformam a forma de identificação do sujeito e em como ele se relaciona com as bases fundantes dessa formação discursiva. O fato de não haver um rompimento não significa que não há a produção de fissuras na estrutura da FD, pois com a criação de uma nova posição-sujeito compreendemos que ainda estamos falando da representação do ser prenda, agora deslocada e com novas significações possíveis.

Entretanto, ao retomarmos o que é o MTG, sua criação, instituição, valores e princípios, essa aceitação ao sujeito que até então era deixado as margens do tradicionalismo é contraditória. Questionamo-nos se essa aceitação é da ordem do real, porque ela opera na contradição. Como um espaço deixa pertencer e fazer parte aquilo que é o completo oposto do que esse lugar se propõe historicamente a perpetuar? A prenda agora não espelha a mulher cisgênero, e compromete os alicerces que fundam e sustentam o conjunto de saberes da FD Tradicionalista. Haveria nessa tomada de posição a gênese para a fundação de uma FD outra? Esta questão fica em aberto para seguirmos pesquisando...

## Algumas considerações

Em nossa contemporaneidade existe uma atualização dos papéis de gênero, não há como escapar da ideologia e das relações de força que são constituintes, embora sigam ressoando vestígios uma determinada visão de mundo que reforça a dicotomia desses papéis. A Análise de Discurso nos expõe à presença ausente da memória que se transpõe e nos atravessa, e as representações de uma figura como a prenda ainda aparece nas frestas dos nossos baús de guardados<sup>11</sup>, são “sinais calçados

11 Tenho um baú de guardados  
Nele trago esse mundo de retalhos  
Acontecimentos em baralhos  
Várias fitas com cantigas tristes  
Fotos antigas da guerra distante  
Atos de tortura na lembrança  
E cercas irregulares

desde a infância” (MAIJO, 2020, p.5), na qual não havia espaço para outra, senão “a prendinha”.

Nos recortes discursivos 1, 2, 3 e 4 podemos perceber que há a representação de uma identificação plena de um sujeito com a formação discursiva tradicionalista, onde encontramos presentes no texto as palavras e expressões “representatividade do todo”; “militar”; “acreditar; “nossa ideologia”; “filosofia de vida”; “eterno” e “valores primordiais do ser humano”. Esses recortes nos levam a considerar que existe um movimento de busca da completude em relação a figura mítica da prenda, dado que, ao mesmo passo em que se exalta uma determinada cultura e a coloca como uma representatividade do todo, determinadas formas de relacionar-se com a FD Tradicionalista aparecem como sendo valores humanos/de um bom sujeito, que levam a crer que para ser um bom cidadão – tradicionalista ou não, são esses valores que irão garantir essa posição moralmente elevada em detrimento de outras.

O sujeito, ao ser interpelado pela formação discursiva Tradicionalista pode, ou não, ao longo de sua vida, produzir outros sentidos para a realidade que lhe é apresentada. É o que percebemos a partir do RD 5, que nos convoca a observar a contradição que irrompe dentro de uma determinada FD. Entretanto, não há uma cisão entre sujeito e forma-sujeito, devido a uma presença ausente que ecoa e faz ressoar um conflito. Podemos observar em como a memória que se institui “legítima a condição do sujeito enquanto descentrado, lacunar, disperso, múltiplo, o que reafirma a caracterização material do discurso e do sentido, tendo em vista que a unidade do sujeito é da ordem do imaginário” (PETRI, 2004, p. 53).

Os deslocamentos provocados através do tempo, da história e da memória ganham um espaço importante para que haja a possibilidade (Tulio Borges, 2015)  
<https://music.youtube.com/watch?v=gpXQ7tGqIMc&list=RDAMVMgpXQ7tGqIMc>

de evidenciar aquilo que resta e persiste, e aquilo que se transforma. O Movimento Tradicionalista Gaúcho aparece como uma instância que regula, integra e surge na FD Tradicionalista, resgatando determinadas características da prenda e do peão (a mulher doce e prendada e o homem forte e corajoso) e abafando outras (a mulher escravizada, ou ainda o homem indígena que viveu/vive sempre à margem). Assim, compreendemos que não há, de fato, uma transformação material da FD Tradicionalista, visto que continuam em circulação os mesmos “valores”, que apenas assumem uma outra roupagem – ainda que contraditória, ao abrir espaço para uma prenda transgênero. Este fato pode movimentar os alicerces da cultura gaúcha que é reproduzida nos galpões, mas ainda nos questionamos se permitir esse sujeito, antes estrangeiro, a apenas compartilhar do mesmo espaço diz de uma real mudança, ou se apenas mascara o conservadorismo que ainda está enraizado em cada entidade tradicionalista.

Nossa problematização maior está ancorada na questão teórica que considera o sujeito como descentrado e lacunar, que por meio da contradição pode causar fissuras na estrutura fundante do tradicionalismo, muito embora pontuamos que esse tema não se esgota em si mesmo, sempre havendo brechas e lacunas que podem, por meio da Análise de Discurso, serem movimentadas a partir de um olhar outro. Desta forma evidenciamos os deslizamentos entre a paráfrase e a polissemia dos sentidos da palavra prenda, que em um jogo com o equívoco, abre caminho para a contradição, de forma que, os lugares da memória possam ser discursivizados por outras vias, produzindo tensionamentos entre o que se pensa ser imutável e aquilo que está em constante movimento, assim vão sendo tecidos e mobilizados os “efeitos do jogo da língua na materialidade da história” (ORLANDI, 2015, p. 36).

## REFERÊNCIA

APPEL, Janine Frescura. Representação da identidade feminina gaúcha: análise cultural midiática do documentário “Ciranda Cultural de Prendas - 40 anos”. 2015. 125 f. TCC (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Maria, 2015., Santa Maria, 2015.

BARTHES, Roland. O grau zero da escritura. Trad. Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

DUTRA, Claudia Ferreira. A Prenda no imaginário tradicionalista. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. – Programa de Pós-Graduação em História, 2002.

FLORES, Lucas Martins. A militância na/ da produção do conhecimento científico: uma análise discursiva do Dicionário da Educação do Campo. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

INDURSKY, Freda. Do desdobramento à fragmentação do sujeito em análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito & Língua. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008 (Coleção ensaios 22).

INDURSKY, Freda. O Discurso do/sobre o MST: movimento social, sujeito, mídia. Campinas: Pontes Editores, 2019.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. (2001) As representações da cidade no discurso literário: a rua de Clarice Lispector. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). Cidade Atravessada: os sentidos

- públicos no espaço urbano. Campinas, SP: Pontes. p. 175-180, 2001.
- MAIJO, Caroline de Oliveira. A construção do feminino e a função do casamento na cultura gaúcha. TCC (Graduação em Psicologia). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santiago, 2020.
- MILDER, Camilla Rodrigues. Por debaixo dos panos: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-g Graduação em Patrimônio Cultural, 2013.
- MTG. Carta de Princípios. [S.I.] 1961. Disponível em: <<https://www.mtg.org.br/carta-de-principios/>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12ª Edição. Campinas: Pontes Editores, [1999] 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Eu, tu, ele: Discurso e real da História. Campinas: Pontes, 2017.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux . Tradução Péricles Cunha. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP , 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Abertura do Colóquio. In : CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Orgs.). Materialidades Discursivas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1981] 2016.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1969] 2010.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. 2. ed. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, [1983] 2007.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1988.
- PETRI, Verli. Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Letras, 2004.
- TAU GOLIN, Luiz Carlos. Hegemonia Gauchesca. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). Patrimônio, memória e poder. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011, v.1, pp. 155-188.
- TSÉ-TUNG, MAO. Sobre a contradição. In: TSÉ-TUNG, MAO. Sobre a prática e a contradição. / Mao Tsé-Tung: apresentação por Slavoj Žižek. Tradução de José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Texto publicado originalmente em 1937).
- ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. Anais do ISEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em:<<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>> ISSN 2237-8146. Acesso em: 10 de maio de 2022.

**Submissão: maio de 2022.**

**Aceite: maio de 2022.**